



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação e Democracia

A ESCOLA REPUBLICANA E A CONSTRUÇÃO DE MUNDO COMUM

Gian Eligio Soliman Ruschel¹
Liége de Jesus da Silva²

RESUMO

Esse texto tem como objetivo principal tematizar a especificidade da escola republicana tendo em vista seu potencial e sua responsabilidade humanizadora em um contexto que se pretende republicano e democrático. Em um primeiro momento irá contextualizar problemáticas do mundo atual com a finalidade de demonstrar sua complexidade utilizando-se do pensamento de Edgar Morin. Em seguida o texto apresentará os fundamentos da Escola Republicana e sua especificidade a partir das propostas de Condorcet, bem como da análise mais contemporânea sobre esse ideário. Por último, essa escrita tematizará a importância da educação republicana em um contexto complexo, reforçando o papel da escola na manutenção de uma sociedade democrática e para o bem viver em um mundo comum.

Palavras-chave: Educação. Republicanismo. Coletividade.

INTRODUÇÃO

Em tempos de *fake News*, polarização, extremismo e desinformação – em plena era da informação – torna-se necessário fazer uma defesa de certos pressupostos e pilares que orientam a educação e, conseqüentemente, a humanidade. Pelos ataques à ciência, ao conhecimento formal, à democracia e à própria noção de verdade, se faz necessário defender alguns elementos da modernidade que não se encerram em um período histórico, bem como suas especificidades. Nesse caso será foco a educação cidadã e republicana. Os fundamentos dessa educação, que também tem tarefa humanizadora, encontram-se imbricados no conceito de república e de suas leis, visto sua potencialidade para com o ideário republicano e democrático.

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Mestre e doutorando em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Contato: gian.ruschel@sou.unijui.edu.br.

² Graduada em Psicologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestranda em Educação nas Ciências na pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Contato: liege.silva@sou.unijui.edu.br.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



O puro desenvolvimento tecnológico científico hoje parece não dar mais conta dos problemas do mundo. Os mecanismos que a humanidade criou para gerar recursos, por exemplo, por mais abundantes que sejam não conseguem suprir as necessidades de boa parte da população, que ainda vive com fome. O problema aqui se dá em torno de uma crença moderna acerca do poder da ciência e da racionalidade que, impreterivelmente, se estenderia para o campo moral, político e social. Se a crença na racionalização, sobreposta aos preceitos liberais e ao industrialismo se demonstrou equivocada ao preconizar um mundo num estado de *progresso* – aos moldes positivistas – é também o próprio projeto da modernidade que se demonstra em crise.

Surge dessa compreensão as posturas ditas “pós-modernas”, que representam ruptura, abandono e descrença nesse projeto iluminista de sociedade, fundado na razão. Um movimento de desconstrução tem se feito, mais precisamente desde o século XX, e no que tange à crítica ao que tem de instrumental e reificador na razão, se demonstrou necessário. No entanto, a partir disso não se construíram mais grandes projetos comuns de humanidade, nenhuma grande *antropologia* (CHARLOT, 2020). A partir da crítica, não se colocou nada de novo no lugar do projeto moderno no nível de projeto civilizacional.

A presente retomada destes fundamentos da educação republicana se faz necessária frente ao afastamento destes princípios que a sociedade contemporânea tem demonstrado. Bem como os sinais de crise e/ou perda de uma clareza do papel da educação frente aos desafios pós-modernos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho utiliza-se de uma revisão bibliográfica de obras tradicionais do campo da educação republicana, assim como, demais autores comentadores das mesmas. Faz-se um esforço de aporte hermenêutico, como forma de compreensão e análise dos dados obtidos. Apresentar-se-á uma análise e leitura do mundo atual, bem como do caráter dos desafios que são encontrados pelo cidadão que nele se insere. Esse exercício tem como objetivo demonstrar o quão multifacetado é o mundo e que os problemas que a humanidade enfrenta hoje não são exatamente os mesmos do passado. Assim sendo, o reducionismo da razão reificadora, servil à



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



economia e reduzida a mero aparelho de produção, não daria conta dos problemas atuais, cada vez mais complexos (MORIN, 2015).

Posteriormente será especificado o papel da escola pública. Nessa seção a escola pública será situada como a educação da república (CONDORCET, 2008), com todos seus pilares e elementos fundamentais que fazem dela, ainda hoje, necessária em um mundo que se quer plural, democrático e republicano. Isso para que possamos compreender a partir do pressuposto de que queremos manter certas bandeiras da modernidade, como o republicanismo, a democracia, os direitos humanos, o respeito pelo diálogo e o espírito científico, a imprescindível importância da manutenção da educação pública. Seria a educação republicana assim o meio de construção e manutenção de referências comuns num projeto civilizatório e da própria continuidade do mundo (ARENDDT, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em pretensão de viver democraticamente e em coletividade acredita-se que se deva investigar o mundo, bem como os problemas evidenciados nesse, levando em consideração diversas facetas e vieses possíveis. Cada vez mais o saber técnico-científico da humanidade demonstra poder e capacidade de resolver problemas específicos, destacando uma dimensão de praticidade de seu caráter instrumental. Teríamos maior capacidade de lidar com problemas relativos à fome, guerras e, inclusive, grandes pandemias, se compararmos com o passado. Assim, dotados de racionalidade assumiríamos, cada vez mais, a responsabilização pelas nossas vidas e pelos nossos atos como humanidade no mundo.

No entanto, apesar de termos os mecanismos e ferramentas práticas para produzir inclusive mais alimentos do que precisamos, não erradicamos a fome no mundo. Se ainda há fome, com certeza não é por falta de alimento no mundo ou da capacidade de gerarmos os recursos necessários. Estamos imensuravelmente mais capacitados a combater uma pandemia hoje do que os homens do medievo, porém continuamos enfrentando dificuldades nessa questão, principalmente se levarmos em consideração o contexto brasileiro. Enquanto os esforços para o desenvolvimento da vacina se deram num sentido, em contraposição caminhou um grande discurso negacionista que ameaçou – e segue ameaçando – seriamente um número considerável



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



de vidas. Poderíamos ter enfrentado melhor o problema da pandemia, principalmente no exemplo brasileiro, no entanto tivemos mais de meio milhão de mortes.

Seria o desenvolvimento científico a garantia da resolução dos problemas do mundo? Entende-se aqui que não. O conhecimento técnico-científico por si só não garante o seu bom uso. Se concebermos a limitação do pensamento científico, em que aspecto recai uma possibilidade de mudança destes “erros” humanos? Com esta indagação, voltamo-nos à educação. Quando se fala em educação, desde o início do ensino básico, é preciso levar esse ponto em consideração. A forma como encaramos os problemas e desafios do mundo, portanto, deve ser repensada no próprio âmbito da educação pública, principalmente por ser cenário fundamental de possíveis intervenções no fazer humano.

Para que fique mais claro, sugere-se a compreensão acerca do mundo pela perspectiva da complexidade. Segundo Edgar Morin (2015, p. 14),

existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes.

A interdependência encontra-se na ideia de que indivíduo é produto de uma espécie, mas ao mesmo tempo a espécie conta com esse indivíduo também como seu reprodutor (MORIN, 2015). Mais urgente ainda é compreender que cada vez menos o mundo apresenta problemas específicos, de apenas uma ordem. Enquanto mais fragmentado se encontram os saberes, menos se consegue encontrar soluções convincentes e, como consequência, se continua a procurar soluções simplistas para os desafios da atualidade. Conhecer pela visão técnica e instrumental é conhecer de modo incompleto. O mundo, nessa perspectiva, não pode ser visto apenas como um objeto de ordem econômica, como muitos ainda tentam defender. É também de ordem natural, política e psicológica. Assim, é na interlocução de saberes que podemos ter um panorama mais fiel do mundo e de suas diversas dimensões.

Para Edgar Morin (2015, p. 72):

[...] todos os humanos estão sujeitos às mesmas ameaças mortais da arma nuclear (que continua a ser disseminada) e ao mesmo perigo ecológico da biosfera, que se agrava com o ‘efeito estufa’ provocado pelo aumento do CO₂ na atmosfera, os desmatamentos em larga escala das grandes florestas tropicais produtoras de nosso oxigênio comum, a esterilização dos oceanos, mares e rios fornecedores de alimentos,



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



as poluições sem conta, as catástrofes sem limites. A tudo isso, acrescenta-se ainda a explosão mundial de novos vírus e antigos micróbios fortalecidos, a incontrolável transformação da economia mundial; finalmente, e sobretudo, a ameaça mundial polimorfa que retoma e produz a aliança entre duas barbáries: a barbárie de destruição e morte, que vem do fundo das eras, e a barbárie anônima e fria do mundo técnico-econômico.

Viver em um mundo compartilhado implica compreender que passamos pelos mesmos problemas, e apenas essa visão mais planetária – atenta à complexidade – poderia perceber os problemas do mundo como também planetários, ou seja, que requerem cooperação, solidariedade e pensamento complexo. Enquanto o “gerenciamento” do mundo se der balizado apenas na dimensão econômica e produtivista, suas outras facetas continuarão a ser encobertas, como a própria dimensão humana.

Seria, portanto, na própria apresentação do mundo às novas gerações – no encontro intergeracional – que a própria educação escolar passaria a agir proporcionando às novas gerações essa perspectiva de complexidade. Fazer das ciências algo comum, presente na mentalidade coletiva, mas contextualizá-las para além de um mero agente a serviço do poder. Além disso, pensar as ciências em seu caráter democrático também caberia à escola, visto que a ciência e democracia funcionam mediante consensos e convenções e partilham um ideal de comunidade comunicativa entre sujeitos que buscam validação racional diálogo. A noção de mundo comum e complexo permite olhar para o mundo de forma planetária, global, tendo essa noção de comunidade para resolver problemas também globais (MORIN, 2015).

Dessa forma, qual seria o papel da escola pública nesse contexto? Quais suas características específicas? Como pode, a partir de sua especificidade contribuir para a continuidade e manutenção de mundo comum? Entendemos que sua função estaria atrelada a uma especificidade que, enquanto estabelece o que a escola deve ser e fazer, também fala de sua própria razão de existir. Informação, conhecimento e até diferentes formas de educação podem ser encontradas em outros ambientes e instituições, mas o que faz da escola e da instrução da república algo tão importante é sua própria especificidade – o que não é feito em outros meios.

Três são os pilares básicos da república e, conseqüentemente, da Educação Pública que serão destacados aqui: a universalidade, a publicidade e a laicidade. A República, ideia de *coisa pública*, necessita do princípio da publicidade. Esse é o elemento fundante para a



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



compreensão de que vivemos em coletividade em um lugar comum a todos, onde todos possuem direitos e deveres. Se desejamos atender à bandeira da liberdade, tão cara ao projeto moderno de república democrática, a laicidade se faz necessária, dessa forma o Estado não pode se imiscuir em assuntos religiosos, garantindo a liberdade religiosa. Só pela universalidade podemos pensar que a liberdade é direito comum, e as leis que a garantem também precisam se dar de forma universal. Pelo princípio de que há algo comum, a universalidade, a laicidade e a publicidade se complementam e são protegidas pelas leis, tão caras à república.

Um dos pioneiros a defender a ideia da educação pública na França iluminista e revolucionária foi Condorcet que, no ano de 1792, apresentou seu projeto referente a essa educação. Segundo Condorcet (2008, p. 17), “seria inútil declarar que todos os homens têm o mesmo direito; seria inútil que as leis respeitassem esse princípio fundamental da justiça eterna, se a desigualdade das faculdades morais impedisse a maioria de gozar desses direitos em toda a sua extensão”. Se, a instrução pública seria responsável pela ativação do esclarecimento e da divulgação da ciência para as novas gerações, também tem como objetivo o próprio projeto republicano no qual os cidadãos, além de terem direitos, possam também usufruir dos mesmos sem a dependência de outrem (CONDORCET, 2008) – ideia de cidadão autônomo.

Condorcet (2008) propôs em *Cinco memórias sobre a instrução pública* que a *Instruction Publique* seria tarefa da escola, que deveria dar acesso ao conhecimento para que fosse exercida a cidadania de forma mais esclarecida. Sendo assim, seria possível saber sobre as leis e também participar da elaboração delas. A república oferece aos cidadãos que não mais dependam da ordem aristocrática, podendo “transitar” na ordem pública de forma autônoma.

A sociedade precisaria oferecer aos seus cidadãos uma instrução pública para evitar a desigualdade política e a tirania. O ideário de Condorcet estava atento a essa obrigação da república e da sociedade política no tocante à instrução de cada cidadão visando cultivar sentimentos decisivos para que se assegure o bem-comum em condições de igualdade e liberdade (BRUTTI, 2021). Assim as leis se relacionam também com a ideia de educação pública, pois possuem o poder de garantir e proteger a gratuidade de ensino para que exista escola pública, a fim de oferecer aos cidadãos uma instrução pública básica e necessária para o convívio em sociedade em um mundo e sociedade complexos, livres e multifacetados.

Visto o compromisso para com a ordem republicana, a escola pública como expressão



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



do republicanismo democrático deve se atentar a alguns pontos para não perder sua especificidade. Assim, a sala de aula da escola republicana deve ser preservada de discursos partidários e religiosos. Do mesmo modo que não deve estar a serviço de interesses empresariais e capitalistas, como alguns discursos atuais parecem pretender, sendo uma espécie de tempo livre, de suspensão do mundo externo (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014).

A escola “[...] não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-lo”³ (ARENDDT, 2016, p. 238), constituindo-se como um espaço específico para a formação. Também vale retomar que a mesma escola não pode se distanciar totalmente do mundo, devido sua responsabilidade pra com ele. Para Hannah Arendt (2016), a escola deve funcionar como um lugar intermediário entre a família e a sociedade sendo, portanto, “[...] a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo” (ARENDDT, 2016, p. 238).

Assim, essa instituição é o lugar onde se apresenta o mundo aos recém-chegados. A escola, portanto, configura-se como um espaço específico em que o educando é, de certa forma, protegido da família e da sociedade, um lugar que proporciona *tempo livre*, segundo a concepção grega de escola. É um local no qual os mais novos teriam acesso aos conhecimentos e a produção humana numa certa tradição – o que não é nunca garantido de forma sistemática fora da escola e em outros espaços (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014).

A função das escolas, e a diferença destas para outras instituições, segundo Young (2007, p. 1.294), “é que elas capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade [...]”. Em outras palavras, se ensina e se aprende em diversos meios, de várias formas diferentes, mas o que a escola pública carrega como missão ética diz respeito à própria humanização e subjetivação sistemática das novas gerações, bem como a capacidade de integrar uma ordem pública de caráter democrático. É espaço específico, sistemático e organizado para que todos os alunos, retomando a ideia de universalidade, venham a ter as mesmas condições básicas no que diz respeito aos saberes construídos na tradição humana. É por isso que a escola, segundo

³ Daí a ideia de que (2009, p. 225), “a educação não pode desempenhar papel nenhum na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados” (ARENDDT, 2016, p. 225). Não caberia as crianças dar respostas para os problemas políticos, por exemplo, do mundo dos adultos, ou mesmo assumir a responsabilidade precoce sobre o mesmo.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Simons e Masschelein (2021), deve trabalhar embasada nos preceitos de igualdade, liberdade e formação.

Pensando de forma mais ampla e finalizando a tematização da escola republicana sem a pretensão de esgotar o tema, cabe invocar a ideia de que as escolas servem para que as novas gerações não precisem “[...] começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecer praticamente inalterada durante séculos” (YOUNG, 1288, 2016). Assim, os mais novos são apresentados à produção humana dos que vieram antes deles para que, a partir desse ponto, possam seguir como produtores de novos conhecimentos. Para que o mundo construído até aqui possa continuar a ser construído, sem abandonar a tradição e sem rejeitar os avanços que virão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto atual, no qual a ideia de mundo comum sofre de diversas investidas, também se insere a discussão acerca da realidade e do lugar que a escola ocupa na contemporaneidade. Arrisca-se afirmar que a escola está sob ataque, seja pela precarização e desvalorização, seja na instrumentalização dela como estratégia mercadológica e tecnicista. Trata-se de uma crise da educação e da legitimidade dessa instituição (ARENDDT, 2016). E esta realidade, assim como o compromisso com a formação de novas gerações é uma responsabilidade coletiva, exercida enquanto cidadão de uma república democrática, de um coletivo.

Se a escola é presentificadora das tradições para oferecer um ponto de partida para as novas gerações, também deve ser compreendido que elas não necessariamente irão aceitar o projeto de mundo que desenvolvemos até aqui. Concluimos, portanto, que a escola pública em sua especificidade como escola da república pode cumprir com a tarefa educadora, em partes de acordo com o otimismo do projeto da modernidade e, em partes de acordo com os novos desafios do mundo atual, levando em conta sua complexidade. Tendo a compreensão de que, como os projetos modernos não se concretizaram numa realidade perfeita – segundo uma crença liberal e positivista – também não encontraremos respostas simplistas e absolutas para lidar com esses desafios atuais.



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Percebe-se também que quando se fala em problemas do mundo, esses são de diversas ordens diferentes, não podendo ser simplificados apenas pela ótica da economia, da política, da psicologia ou da medicina, mas precisam ser vistos de diversos pontos. Caso contrário estaremos buscando atalhos simplificados para resolver problemas que são complexos. Em uma proposta de convivência democrática, portanto, se deve olhar por vários vieses para compreender o mundo que é comum a todos e não repetir a mesma empreitada da “marcha do progresso” sonhada pelos modernos, a qual se perdeu em diversos desvios da razão instrumental.

Segundo a laicidade, publicidade e universalidade, a escola pode preservar a pluralidade sem negar o coletivo, tão caro para a formação de cada sujeito e para a manutenção do mundo comum. Podemos defender um projeto moderno sem desvalorizar a inovação e a liberdade criadora das novas gerações. Assim a escola republicana se faz como um artifício criado por humanos para garantir conservação da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Tradução de João Ferreira. 11. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

BRUTTI, Tiago A. **República e Instrução Pública: Implicações morais e políticas das apostas de Condorcet**. Cruz Alta: Ilustração, 2021.

CONDORCET, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, marquis de. **Cinco memórias sobre a instrução pública**. São Paulo: Unesp, 2008.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 22. ed. Rio de Janeiro: 2015.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas**. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a0228101.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.